

RICARDO LUIS SILVA

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

Ricardo Luis Silva

Professor doutor em crítica, estética e leituras urbanas no Centro Universitário Senac. Formado em Arquitetura pela UFSC em 2005, Mestre e Doutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2009 e 2017, respectivamente. Investiga o cotidiano da Cidade, suas temporalidades, seus personagens ordinários, conflitos e constituições subjetivas dos indivíduos urbanos. Atua como caminhante urbano, garimpando possíveis arqueologias do sensível nos rastros da modernização tecnológica contemporânea através de coleções de objetos encontrados e fotografias de coisas “sem qualidade”. Destes registros surge a “COLEÇÃO DAS COISAS”, já publicados em 10 fotolivros, e o PEQUENO GABINETE DE CURIOSIDADES DE UM TRAPEIRO CAMINHANTE. É co-fundador do Estudio Ceda el paso.

PhD professor in criticism, aesthetics and urban readings at Centro Universitário Senac. Graduated in Architecture from UFSC in 2005, Master and Doctor from Universidade Presbiteriana Mackenzie in 2009 and 2017, respectively. He investigates the daily life of the City, its temporalities, its ordinary characters, conflicts and subjective constitutions of urban individuals. He works as an urban walker, exploring possible archaeologies of the sensitive in the traces of contemporary technological modernization through collections of found objects and photographs of “non-quality” things. From these records comes the “COLLECTION OF THINGS”, already published in 10 photobooks, and the SMALL CABINET OF CURIOSITIES OF A WALKING RAGPICKER. He is co-founder of Estudio Ceda el paso.

Profesor doctor en crítica, estética y lecturas urbanas en el Centro Universitario Senac. Licenciado en Arquitectura por la UFSC en 2005, Magíster y Doctor por la Universidad Presbiteriana Mackenzie en 2009 y 2017, respectivamente. Investiga la vida cotidiana de la Ciudad, sus temporalidades, sus personajes cotidianos, conflictos y constituciones subjetivas de los individuos urbanos. Trabaja como caminante urbano, explorando posibles arqueologías de lo sensible en las huellas de la modernización tecnológica contemporánea a través de colecciones de objetos encontrados y fotografías de cosas de “no calidad”. De estos registros surge la “COLECCIÓN DE COSAS”, ya publicada en 10 fotolibros, y el PEQUEÑO GABINETE DE CURIOSIDADES DE UN TRAPERERO CAMINANTE. Es cofundador del Estudio Ceda el paso.

ricardo.lsilva@sp.senac.br

Resumo

Este texto apresenta um relato sobre o programa de caminhadas Arqueológicas, desenvolvido e organizado pelo Estudio Ceda el paso, sediado na cidade de São Paulo. As caminhadas, já realizadas nas cidades de São Paulo (SP-Brasil), Montevideo (Uruguai), Vitória (ES-Brasil), Cidade do México (México) e Montpellier (França), visam reconhecer a alteridade urbana e as memórias que permeiam os ambientes cotidianos, utilizando o ato de caminhar como uma prática estética e política. Embasados por conceitos de Francesco Careri, Tim Ingold, Walter Benjamin e Ricardo Silva, os participantes coletam "vestígios do agora", enquadrando rastros, objetos, gestos e cenas cotidianas com molduras de papel, transformando a caminhada em um exercício de percepção e ressignificação do viver urbano contemporâneo. Além de promover um diálogo entre passado e presente, essas experiências permitem a criação de narrativas e fabulações que evocam identidades submersas na paisagem urbana a partir de uma tática indicial, onde cada vestígio pode sugerir uma trama aberta para as fabulações. Através de uma abordagem que mescla métodos arqueológicos, fotográficos e antropológicos, o programa busca estimular, em cada caminhada, território atravessado e corpos caminhantes, uma compreensão mais profunda das práticas e dinâmicas sociais e culturais nas cidades. Além da própria teoria praticada no ato caminhante, toda produção e registros fotográficos são, no final da experiência, organizados numa edição impressa de fotolivreto, consolidando o objetivo de representação de possíveis fabulações dos sentidos pulsantes em cada cena, objeto, detalhe, rastro encontrados e registrados pelos caminhantes. Um relato que ressalta a premissa de teorizar uma prática, mas também praticar a teoria.

Palavras-chave: Caminhar. Inventários. Memória urbana. Leituras urbanas. Rastros.

Abstract

This text presents a report on the Archaeological walking program, developed and organized by Ceda el Paso, a studio based in the city of São Paulo. The walks, already carried out in the cities of São Paulo (SP-Brazil), Montevideo (Uruguay), Vitória (ES-Brazil), Mexico City (Mexico) and Montpellier (France), aim to recognize urban otherness and the memories that permeate everyday environments, using the act of walking as an aesthetic and political practice. Based on concepts from Francesco Careri, Tim Ingold, Walter Benjamin and Ricardo Silva, participants collect "vestiges of the now", framing traces, objects, gestures and everyday scenes with paper frames, transforming the walk into an exercise in perception and reframing contemporary urban living. In addition to promoting a dialogue between past and present, these experiences allow the creation of narratives and fables that evoke identities submerged in the urban landscape based on an indexical tactic, where each trace can suggest an open plot for the fables. Through an approach that mixes archaeological, photographic and anthropological methods, the program seeks to stimulate, in each walk, territory crossed and walking bodies, a deeper understanding of social and cultural practices and dynamics in cities. In addition to the practiced theory itself, in the walking act all production and photographic records are, at the end of the experience, organized in a printed photobook edition, consolidating the objective of representing possible fables of the pulsating senses in each scene, object, detail, trail found and recorded by the walkers. A report that highlights the premise of theorizing a practice but also practicing the theory.

Keywords: Walking. Inventories. Urban memory. Urban readings. Traces.

Resumen

Este texto presenta un informe sobre el programa de caminatas Arqueológicas, desarrollado y organizado por el Estudio Ceda el Paso, con sede en la ciudad de São Paulo. Las caminatas, ya realizadas en las ciudades de São Paulo (SP-Brasil), Montevideo (Uruguay), Vitória (ES-Brasil), Ciudad de México (México) y Montpellier (Francia), tienen como objetivo reconocer la alteridad urbana y las memorias que permean los ambientes cotidianos, utilizando el acto de caminar como una práctica estética y política. A partir de conceptos de Francesco Careri, Tim Ingold, Walter Benjamin y Ricardo Silva, los participantes recogen "huellas del ahora", enmarcando rastros, objetos, gestos y escenas cotidianas con marcos de papel, transformando el caminar en un ejercicio de percepción y replanteando la vida urbana contemporánea. Además de promover un diálogo entre pasado y presente, estas experiencias permiten la creación de narrativas y fábulas que evocan identidades sumergidas en el paisaje urbano a partir de una táctica indexical, donde cada rastro puede sugerir una trama abierta para las fábulas. A través de un enfoque que mezcla métodos arqueológicos, fotográficos y antropológicos, el programa busca estimular, en cada caminata, territorio atravesado y cuerpos caminantes, una comprensión más profunda de las prácticas y dinámicas sociales y culturales en las ciudades. Además de la propia teoría practicada en el acto de caminar, toda la producción y registros fotográficos son, al final de la experiencia, organizados en una edición de fotolibro impreso, consolidando el objetivo de representar posibles fábulas de los sentidos pulsantes en cada escena, objeto, detalle, rastro encontrado y registrado por los caminantes. Un informe que destaca la premisa de teorizar una práctica, pero también practicar la teoría.

Palabras clave: Caminar. Inventarios. Memoria urbana. Lecturas urbanas. Rastros.

Este artigo foi originalmente submetido, aprovado e apresentado durante o 5º. Congresso Internacional sobre Ambiências, realizado no Rio de Janeiro e em Lisboa no ano de 2024. Esta versão aqui apresentada passou por uma revisão e ampliação do seu escopo.

Introdução

Este texto se configura como um relato reflexivo de algumas experiências já realizadas no âmbito das atividades do Estudio Ceda el paso, onde a caminhada e os registros sensíveis do espaço atravessado/vivido são tomados como prerrogativas e, simultaneamente, como resultados estéticos. A experiência relatada a seguir faz parte do programa, dentre diversos outros promovidos pelo Ceda el paso, intitulado **ARQUEOLÓGICAS**. Fundado em 2022 na cidade de São Paulo por Ricardo Luis Silva e Jéssica de Souza Andrade, nos interstícios de um retorno trôpego da população brasileira aos espaços coletivos e públicos e às tradicionais “aglomerações” sociais pós **lockdowns** e distanciamentos forçados pela pandemia global do COVID-19, o Estudio assume como premissa a constituição de um local de encontro, troca e experimentação dos temas da Arquitetura, do Urbanismo e da Antropologia, enfocando na Alteridade Urbana, Leituras Etnográficas, o Caminhar como prática estética (Careri, 2023), os registros enquanto expressão de Imaginários Urbanos e o Corpo como **locus** de experiências sensíveis, políticas, fenomenológicas e constituintes de um sujeito crítico e consciente.

Conceito central em todas as manifestações, atividades públicas e publicações realizadas pelo Ceda el paso, o caminhar é considerado conceito-prática (Labbucci, 2013). Ação banal, quase inconsciente, o caminhar é uma das ações humanas mais primitivas e essenciais à própria existência do ser humano e sua formação civilizatória. Caminhar é verbo intransitivo, é um pensamento prático, ato de resistência, reflexão espiritual, aproximação ao desejado, exercício físico, é instrumento de leitura e escritura, do tempo e do espaço, é um movimento ativo, é humano. **Errare humanum est**. É a primeira forma que o ser humano dispõe para habitar e construir a paisagem. E, nos casos das atividades propostas pelo Estudio, caminhar pela cidade é um ato poético, construtivo, reflexivo e, ao mesmo tempo, exploratório. Ao investigar os espaços urbanos atravessados com o corpo, abre-se a possibilidade do afloramento da identidade do espaço atravessado. Uma identidade peculiar. Uma identidade que não está acessível ao corpo desavisado. Uma identidade submersa. Uma identidade soterrada pela espetacularização do espaço urbano (Jacques, 2012). Espetáculo e crise. Homogeneização e pasteurização das relações. Apaziguamento das superfícies da cidade. A identidade visível é a da superfície espetacular e produtiva. Onde tudo é mais fácil, rápido e polido. A identidade de vitrine, consumível e descartável.

Por isso, muito mais que uma discussão de mobilidade urbana, práticas de exercício e saúde social, turismo e consumo “instagramável” dos espaços da cidade contemporânea, o que interessa aos caminhantes que experimentam a cidade a partir do caminhar com o Ceda el paso é a constituição dos indivíduos considerando os conflitos, os dissensos, as tensões, as alteridades, os imponderáveis da vida cotidiana.

Caminhadas Arqueológicas

As Arqueológicas são atividades de caminhadas abertas ao público que partem do pressuposto do pertencimento do corpo no espaço urbano, tendo o caminhar como forma de apropriação e constituição de subjetividade, cidadania e alteridade urbana, além de um instrumento ativo para reconhecer dinâmicas e vestígios participantes de um viver localizado em outras temporalidades. Caminhar como ato revolucionário de presença e percepção efetiva de usos dos espaços da cidade. E, como forma de aprofundar tais relações, e também na construção de sentidos a cada caminhar pela cidade, e que vai-se somando a cada nova atividade realizada em distintas cidades

(com distintas dinâmicas e práticas culturais e sociais), a proposta se vale de um procedimento da arqueologia, da polícia forense e da fotografia: o enquadramento de pequenos achados cotidianos com uma moldura de papel. Ao caminhar e observar a vida cotidiana, estabelecer um procedimento de observação e coleta de "rastros do agora", num inventário de registros e vestígios de uma vida passada - mesmo que vestígios deixados alguns segundos antes de serem encontrados ou que estejam adormecidos no imaginário de algum morador, em uma marca nos muros, em um rastro de textura ou em uma edificação na paisagem. Um inventariar que abre espaço e possibilidade de ressignificações de memórias cidadinas que constituem o cotidiano do local caminhado. Claro, importante ressaltar, que não se pretende esgotar este enredo de memórias, histórias, gestos e narrativas em sua totalidade, mas convidar os caminhantes que participam da experiência a olhar o presente apoiado em construções temporais passadas que não se apagam, mas se sobrepõem a outras camadas e arranjos. O objetivo dessas atividades compartilhadas é estabelecer e dar sentido ao ato de caminhar como forma de interação e apropriação do corpo com o espaço público urbano e suas memórias, é experimentar outras formas de observação e percepção da vida cotidiana, dando possibilidade para perceber as composições da história estabelecida e consolidada da cidade, mas também as oralidades, as histórias menores (Deleuze & Guattari, 2014), subterrâneas, mesclando-se com memórias e temporalidades contidas no território, abrindo campo para fabulações, pulsões e outras ambiências.

Além do ato em si e das relações estabelecidas entre o corpo-caminhante e o espaço atravessado, colocar-se presente na cidade caminhando lentamente (em si um ato político que provoca o status quo capitalista liberal) e usando de táticas "infantis" e ferramentas bastante rudimentares (escalar muretas, se ajoelhar nas calçadas, curvar-se perante uma sarjeta, mirar fixamente um detalhe banal de um portão), o grupo envolvido na experiência está, inevitavelmente, gerando um ruído, um atrito, uma opacidade nas dinâmicas anestesiadas dos movimentos cotidianos daquela localidade. Citadinos ao redor se questionam por que daqueles gestos, ficam intrigados e confusos com o movimento e interesse peculiar apresentado pelos caminhantes e suas molduras de papel branco. Se o olhar do caminhante se altera ao experimentar a proposta apresentada, também se altera o olhar do cidadão que se depara, desavisado, com o grupo. Um caminhar que transforma o espaço atravessado, pois esse caminhante-observador não é invisível e neutro perante o espaço urbano, como tanto insistem e solicitam as normativas científicas e catalográficas (muitas delas, é preciso lembrar, fruto das lógicas eurocentradas de um pacto da branquitude, onde o pesquisador se acha "superior" e pode se dar ao luxo da invisibilidade neutra da observação).

Procedimentos arqueológicos, um método (fazer o caminho)

Ao caminhar pela cidade, dentro dos programas das caminhadas Arqueológicas, um outro conceito se soma aos procedimentos metodológicos e exploratórios do caminhar e registrar: o colecionar. Colecionar é verbo, ação, conceito, promessa, estratégia, método, estrutura, gesto, obsessão. Como diria Susan Sontag (2004, p.91), "num mundo que está bem adiantado em seu caminho para tornar-se um vasto garimpo a céu aberto, o colecionador se transforma em alguém engajado num consciencioso trabalho de salvamento". Pois, como conceito, colecionar é parte integrante de formulações humanas como a Memória, a transformação

das palavras em linguagem, o desenvolvimento e aproximação da criança com o mundo. Coletar é ato de rememoração, produção do conhecimento histórico, descontextualização de objetos no espaço e no tempo. Coletar é reivindicar para si a possibilidade de possuir o mundo, mesmo apenas uma parte insignificante dele, ou até me relacionar distantemente com o Outro, no caso de coleções de objetos antigos ou encontrados e recolhidos. Coletar é catalogar, inventariar, organizar, descontextualizar, ressignificar, recriar, reexistir. Coletar é “desinvestir” o objeto de seu sentido utilitário, é dar-lhe outro lugar no mundo dos objetos. Coletar é ativar gavetas, arcos, baús, caixas. Coletar é caminhar, frustrar-se, insatisfazer-se, continuar. Coletar é um gesto filosófico, é um portar-se perante, é um exercício de memória preenche de porvir, um olhar para o passado e para o futuro simultaneamente.

Nesse campo encontra-se o Caminhante-Coletador-Colecionador (Silva, 2017), o ser sensível aos objetos exilados (via Trapeiro), o fisiognomista do mundo dos objetos. O agente de pensamentos de potencialidades, de bifurcações possíveis, que aciona a “memória involuntária” (Benjamin, 2012) e suas associações selvagens de ideias no ato de coletar e colecionar; mas também aciona a “memória voluntária” (Benjamin, 2012), com suas organizações e ordenamentos de ideias, ao estabelecer e executar a catalogação da coleta. Desordem e desregramento dos objetos na coleta; ordem e estabilidade dos objetos no catálogo-coleção. O colecionador, aquele intelectual de orientação diferente do Erudito (Benjamin, 2012), o indivíduo de “caráter destrutivo” (Benjamin, 2012), o escritor literário de “testamentos”, o envolvido e “amaldiçoado”, assim como Sísifo, que foi castigado por ofender os deuses a empurrar uma pedra até o ponto mais alto de uma montanha, na terra dos mortos, de onde a pedra rola a montanha abaixo todas as vezes, fazendo-o repetir eternamente o esforço, em vão.

A coleção está, portanto, regida por princípios mais espaciais que temporais, podendo se circunscrever à caixa, ao álbum, ao armário e à serialidade das gavetas, num jogo de dentro e fora, exposição e ocultamento. Graças a sua potencialidade de recolher as coisas e salvá-las da dispersão através do deslocamento, ela assume inclusive uma função de arquivo de dimensão memorialística, convertendo-se numa espécie de antídoto contra o esquecimento. (Maciel, 2010, p.27)

Mas como coletar e colecionar os rastros do agora, impedindo sua dispersão e esquecimento? Como agenciar essas outras memórias, os possíveis devir e porvir das insignificâncias ordinárias da vida cotidiana? A solução encontrada, como uma possibilidade dentre tantas, é a utilização do procedimento de isolar, enquadrar, destacar os vestígios garimpados e encontrados durante a caminhada. O caminhante-coletador-colecionador se vale de uma ferramenta simples, um marco produzido com papel cartão grosso e branco. Uma moldura que auxilia o garimpo e o registro do vestígio encontrado. Isolar momentaneamente o “objeto” a ser fotografado, garantindo-lhe destaque e escala. No conjunto de registros desses vestígios do agora, o princípio de coleção se estabelece e abre espaço para investigações e questionamentos acerca do que é, de onde veio, quem usava, como foi parar ali, porque estava naquele estado, para onde poderia ir. A coleção gerada nas caminhadas Arqueológicas possibilita a fabulação e a invenção, o imaginário e a memória, o outro e o eu (KEHL, 2015).

Experimentos Arqueológicos

Tendo todas as premissas conceituais acima e os procedimentos metodológicos estabelecidos, o programa de caminhadas ARQUEOLÓGICAS (o nome vem de uma referência livre às “Mitológicas”, propostas pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss) é elaborada em uma cidade ou território específico. Em cada uma delas o

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

público é convidado, via redes sociais, a se inscreverem. Com o grupo formado, faz-se contato com um artista caminhante residente na cidade da caminhada e estabelece-se uma parceria para organizar e produzir o evento. O percurso é pensando conjuntamente e a condução da atividade é sempre compartilhada. Para garantir a agilidade na caminhada, os marcos/molduras de papel que serão utilizados nos registros são previamente confeccionados em papel triplex branco. As molduras são cortadas em proporções corriqueiras no léxico fotográfico, normalmente nas proporções 3x4, 5x7 ou 9x16. Durante a caminhada, cada participante leva consigo dois formatos de moldura, possibilitando diversos tipos de registros. Para dar corporeidade à experiência as distâncias percorridas não passam de 10,0 km e os grupos têm um limite máximo de 20 participantes. Afinal, perceber, coletar e registrar os “vestígios do agora” demanda um caminhar lento, desendereçoado, silencioso e coletivo. Desde 2022, já foram realizadas, até o momento, cinco experiências dentro do programa Arqueológicas: 1 - São Paulo: Centro Republicano (março de 2022); 2 - Cidade do México: La Merced (julho de 2022); 3 - Vitória: Praça Vermelha (agosto de 2023); 4 - Montevideo: La Rambla (julho de 2023) e 5 - Montpellier: Centro Medieval (abril de 2025). Destas, duas experiências já foram transformadas em publicações, no formato fotolivro, pelo próprio Ceda el paso: CDMX e MVD. A atividade na cidade francesa ainda não foi compilada e só será estruturada posteriormente, por esse motivo não constará no relato aqui apresentado.

Arqueológica SPO

Experimento #01 – Arqueológica SPO (cada cidade ganha uma codificação a partir, principalmente, das siglas utilizadas no sistema de identificação dos aeroportos internacionais presentes nas cidades ou de códigos postais recorrentes): dia 12 de março de 2022. Grupo formado por 12 caminhantes – grande parte estudantes de arquitetura jovens, entre 20 e 25 anos de gêneros diversos. Percurso realizado pelas ruas dos bairros da República, São Bento, Sé e Anhangabaú totalizando 9,1 km. A condução da caminhada foi feita pelo arquiteto e fotógrafo Ricardo Luis Silva [1].



FIGURA 1 – Registros dos participantes coletando rastros durante a caminhada Arqueológica SPO.

Fonte: Acervo do autor (2022).

Para a primeira experiência do programa de caminhadas Arqueológicas, o centro da cidade de São Paulo foi escolhido como espaço de investigação e coleta. Lugar de múltiplas camadas, tanto temporais como espaciais, o centro de São Paulo se apresenta como um profundo palimpsesto, um campo intenso de vestígios da passagem de milhões de seres humanos e não humanos. Tensões e conflitos de alteridade a cada esquina, a cada metro de calçada. A caminhada coletiva, numa mescla de corpos

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

brancos e negros, jovens e idosos, de gêneros diversos, se fez ora no anonimato, ora numa exposição explícita. Há, inevitavelmente, o estranhamento do olhar alienado do cotidiano, que estranha o “olhar estrangeiro” (Peixoto, 1988) para os detalhes, os gestos, as marcas, as coisas mais ordinárias do cotidiano de uma rua movimentada e com tantos outros “atrativos” à disposição. Mesmo assim, um território de tantas disputas, das simbólicas às políticas e sociais, de tantos fluxos, de tantos interesses em jogo, apresentou-se cruamente aos caminhantes [2].



FIGURA 2 – Vestígios
colecionados na Caminhada
Arqueológica SPO..

Fonte: Acervo do autor (2022).

Arqueológica CDMX

Experimento #02 – Arqueológica CDMX: dia 30 de julho de 2022. Grupo formado por 8 caminhantes, brasileiros e mexicanos, composto por arquitetos, fotógrafos, cientistas sociais e artistas. Percurso realizado pelas ruas do bairro de La Merced totalizando 5,9km. A condução da caminhada foi feita pelo arquiteto mexicano Jesús “Txutxo” López [3].

A Cidade do México é atravessada por fluxos históricos e sobreposições impostas pelas sucessivas ocupações humanas num território hídrico dominado pelas *chinampas* do lago Texcoco. Dos Astecas aos espanhóis, de uma periferia norte-americana a um centro financeiro e cultural pulsante, a Cidade do México se apresenta prenhe de relações citadinas com a vida urbana nas ruas e praças da cidade. O caminhar ordinário por entre barracas de comida de rua é interrompido sem cerimônias por uma antiga escavação arqueológica ou por um muro de 450 anos servindo de apoio ao vendedor ambulante de souvenirs turísticos. Nesse cenário a caminhada ganha paisagem e panorama. Inevitável o ancestral não se misturar ao vivido atual. Vestígios de centenas de anos se mesclam aos vestígios dos modos de usar mais “infraordinários” (Perec, 2008) e cotidianos. E, no caso específico dessa caminhada pelo

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

FIGURA 3 – Registros dos participantes coletando rastros durante a caminhada Arqueológica CDMX.

Fonte: Acervo do autor (2022).



FIGURA 4 – Vestígios colecionados na Caminhada Arqueológica CDMX..

Fonte: Acervo do autor (2022).

centro da Cidade do México, além dos equipamentos fotográficos individuais de cada caminhante, duas máquinas fotográficas QuickSnap Fuji Descartáveis (ou *Desechables* como dizem os mexicanos) foram adquiridas no início do percurso e compartilhadas entre os caminhantes para a realização dos registros. Alternando entre o “preciso e digital” e o “precário e analógico” as coletas foram sendo realizadas coletivamente. No final, os filmes das duas máquinas foram revelados no mesmo dia, no final do percurso e incorporadas ao acervo geral da coleção [4].



Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

Arqueológica VIX

Experimento #03 – Arqueológica VIX: dia 26 de agosto de 2023. Grupo formado por 12 caminhantes, na sua grande maioria entusiastas da fotografia de rua, entre 25 e 65 anos. Percurso realizado pelas ruas do Centro Histórico da cidade e entorno da Praça Vermelha e Palácio Anchieta totalizando 6,5 km. A condução da caminhada foi feita pelo fotógrafo Gabriel Lordello [5].

Cidade-ilha, Vitória tem uma formação morfológica urbana clássica das ocupações portuguesas, composta por partes altas e partes baixas. Ruas estreitas ligando as regiões, muitas dessas vias se convertem em calçadas e/ou escadarias. Somado a isso, um comércio antigo e bastante popular permeia diversos edificios desocupados (alguns em alto nível de deterioração) em um centro de cidade-capital contaminada pela presença de um enorme porto e seus colossais navios. Na caminhada os participantes cruzaram por estreitas fachadas, portas ornamentadas, ruas de paralelepípedo, feiras de verduras e legumes, estabelecimentos portuários [6].

FIGURA 5 – Registros dos participantes coletando rastros durante a caminhada Arqueológica VIX.

Fonte: Acervo do autor (2023).

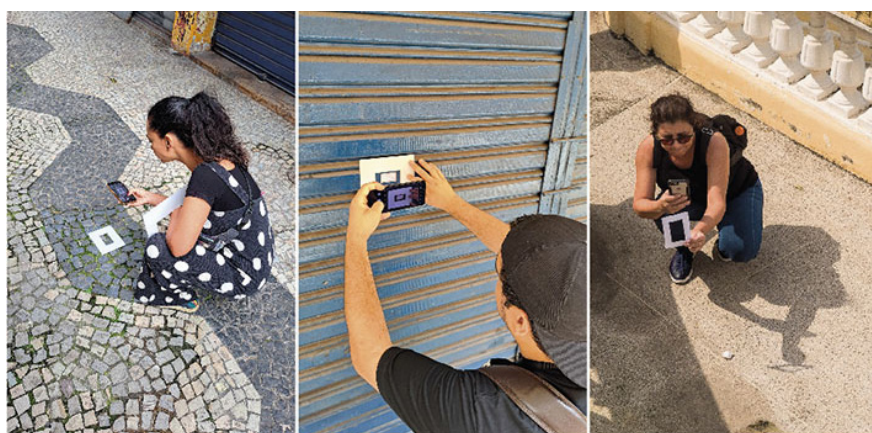


FIGURA 6 – Vestígios colecionados na Caminhada Arqueológica VIX..

Fonte: Acervo do autor (2023).



Arqueológica MVD

Experimento #04 – Arqueológica MVD: dia 14 de julho de 2024. Grupo formado por 4 caminhantes, sendo um arquiteto, um cenógrafo, um antropólogo e um fotógrafo. Percurso realizado pelas ruas dos bairros Bairro Sur e Palermo, pela Rambla e Playa Ramírez totalizando 7,8km. A condução da caminhada foi feita pela artista visual e fotógrafa Angela Farina [7].



FIGURA 7 – Registros dos participantes coletando rastros durante a caminhada Arqueológica MVD.

Fonte: Acervo do autor (2024).

Essa caminhada foi planejada como as demais, considerando o uso dos marcos/molduras de papel para a realização das coletas. Entretanto, a própria cidade se apresentou com uma peculiaridade: sua relação direta e simbólica com a presença do Rio da Prata costeando seus bairros mais antigos. Nesse caso, a presença de vestígios cotidianos ganha uma outra dimensão: as suas temporalidades se misturam com os movimentos da maré, força que também altera e manipula os objetos e vestígios. Por conta disso, marcos/molduras foram guardados e uma coleta efetiva foi realizada. A coleção se configurou a partir da seleção e registro dos vestígios na forma clássica dos gabinetes arqueológicos: em estúdio com fundo neutro e iluminação zenital e dura. Outras reflexões foram geradas com essa variação dos procedimentos do Arqueológicas. Nessa cidade portuária à beira da foz do Rio da Prata (um mar que se funde ao Oceano Atlântico), um cotidiano que é, constante e regularmente, atravessado pelo estrangeiro. Um corpo estrangeiro que traz consigo práticas (e coisas) do seu cotidiano e as insere nas práticas dessa terra. Um corpo de mar que carrega de terras estrangeiras práticas e coisas e as deposita sobre a cidade.

Mar que guarda cidade. Entre pedras, conchas e areia do mar, vestígios de muitas cidades. Pequenos cacos de vidro de garrafas, porcelanas holandesas, louças chinesas, ladrilhos ingleses, botões, brinquedos... narrativas que o mar, vez ou outra, revela [8].

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica



FIGURA 8 – Vestígios
coleccionados na Caminhada
Arqueológica MVD.

Fonte: Acervo do autor (2024).

Uma teoria praticada (ou uma prática teorizada?)

Nos relatos presentes nesse texto pretendeu-se revelar, ilustrar e teorizar (numa prática teorizada, ou quem sabe numa teoria praticada) as possibilidades do caminhar e encontrar, nos rastros e vestígios deixados pelos cidadãos, maneiras de uso e apropriação dos espaços urbanos que se reatualizam ou se mantêm, aproximar tempos, recuperar memórias, numa dinâmica de estranhamento / reconhecimento perante um "espelho" e uma mesma paisagem. A partir da coleção dos vestígios registrados [9 e 10], resignificar em fabulações nosso viver urbano contemporâneo. Revelar os vazios que se abrem no turbilhão urbano da totalidade e impossibilidade da falta decorrentes de uma, cada vez mais, vertiginosa vida pautada pela obsolescência, consumo voraz e tecnicidade. Uma possibilidade caleidoscópica em uma vida que resta (Junkspace)¹ (Koolhaas, 2010) depois da máquina da modernização avançar seguindo seu destino.

¹ Principalmente nesse contexto "O Junkspace é o que resta depois da modernização seguir o seu curso, ou mais concretamente o que se coagula enquanto a modernização está em marcha, o seu resíduo." (Koolhaas, 2010, p. 69).

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

FIGURA 9 e 10 – Fotolivros produzidos com registros das Caminhadas Arqueológicas CDMX e MVD, respectivamente.

Fonte: Acervo do autor (2024).



Agradecimentos

Um agradecimento especial a todos os caminhantes que participaram das caminhadas e cederam suas fotografias para o acervo do programa, para as publicações e para ilustrar esse artigo. Agradecemos também a cada um dos condutores das caminhadas em cada uma das cidades, sem eles a experiência urbana teria sido mais restrita e inicial. Um agradecimento especial a todos os colegas do 5º. Congresso Internacional sobre Ambiências, realizado no Rio de Janeiro, onde esse artigo foi originalmente apresentado. Por fim, agradecemos ao Centro Universitário Senac que financia e apoia as pesquisas e investigações dos autores.

Referências

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs: colecionador e historiador. In. BENJAMIN, Walter. **O Anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a, pp. 123-164.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – Obras escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 2012b.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo, Gustavo Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

KEHL, Maria Rita. Olhar no olho do outro. **Revista Piseograma**, Belo Horizonte: v. 1, n. 7, pp. 22-31, jun 2015.

KOOLHAAS, Rem. **Três textos sobre a Cidade: Grandeza, ou o problema do grande; A cidade genérica; Espaço-lixo**. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

Ativando vestígios do agora: experiências do caminhar no programa de caminhadas Arqueológicas

Activating traces of the now: walking experiences in the Archaeological walking program

Activando huellas del ahora: experiencias de caminata en el programa Caminata Arqueológica

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In. NOVAIS, Adalto (Org.), **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp.361-365.

PEREC, Georges. **Lo infraordinario**. Madrid: Impedimenta, 2008.

SILVA, Ricardo Luis. **Elogios à inutilidade**: A incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017, 904p. [Tese]. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 08/09/2025

Aprovado em 28/10/2025